

06 NOV 1994

RUY FABIANO CORREIO, BRAZILIENSE

PONTO DE VISTA

Congresso sob pressão

Não há truques possíveis em relação às reformas constitucionais, convenceu-se, enfim, o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso. Não há como restabelecer o **quorum** simplificado da revisão constitucional, como pretende proposta do deputado (e senador eleito) José Serra, permitindo emenda por maioria absoluta, em votação unicameral.

O nó górdio das reformas está posto: o futuro governo terá que conquistar apoio de três quintos da Câmara e do Senado para suas propostas. Mais: terá que fazê-lo dentro da vigência de sua filosofia de trabalho, que é a de negar terminantemente espaço ao fisiologismo. Não será fácil.

Sem o toma-lá-dá-cá clássico, cuja aparente funcionalidade apresenta graves e conhecidos efeitos colaterais, resta ao presidente eleito o que de fato já está fazendo, estabelecer pressões da sociedade civil organizada sobre o Congresso. Possui credibilidade pessoal e talento verbal para fazê-lo. Tem a seu favor a retumbante vitória eleitoral. Sobretudo, trabalha a seu favor a realidade objetiva dos fatos. A crise favorece a idéia das reformas.

O Congresso — e essa é sua índole — só funciona sob pressão. Não houvesse intensa ação da sociedade civil organizada, não teria acontecido o **impeachment** de Collor. Prova disso é que, no governo anterior, de Sarney, fracassou tentativa similar de depor o presidente da República.

Ele, tal como Collor, havia sido condenado por uma CPI no Congresso, que, durante meses, examinara acusações de corrupção contra seu gover-

no. O então senador Itamar Franco presidira aquela CPI. A sociedade, porém, não fora mobilizada e a proposta de **impeachment** acabou arquivada, sem querer ser submetida ao plenário. Faltou exatamente a pressão popular, o combustível do Congresso.

O presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira, diz que é da tradição do Congresso não negar nada aos presidentes recém-eleitos, até para não ser responsabilizado no futuro pelos eventuais fracassos do governo. Nesses termos, o Congresso aprovou até o confisco da poupança e dos depósitos em contas correntes, empreendido pelo governo Collor. O que aí acontece é nada menos que o efeito da pressão popular. Como contrariar um presidente zero quilômetro, ainda cheirando a urna?

Fernando Henrique aposta também nisso. Afinal, na história republicana, apenas o general Eurico Dutra, em 1945, o superou (por margem ínfima) na proporção de votos. Mas Dutra não dispunha de mídia eletrônica — não nas dimensões de hoje. FHC pretende acionar tudo o que estiver a seu alcance para estabelecer pressão ininterrupta sobre o Congresso. Diz, porém, que se trata de pressão legítima, pois transparente e necessária.

Os temas são conhecidos: reformas fiscal, tributária, da Previdência, flexibilização dos monopólios, além, claro, das reformas política e eleitoral. O desafio maior não é o de sensibilizar o Congresso, mas a sociedade, de modo a mantê-la mobilizada para as reformas.